

Apresentação

O número 1 do volume 13 de GeoTextos é um passeio por escalas diferenciadas, partindo da escala continental, passando pelas escalas nacional, regional (estadual) e chegando à escala local (municipal e intraurbana). Na seção Artigos, o primeiro texto, de Mónica Arroyo, é uma análise das diferentes iniciativas de integração traçadas em uma década e meia na América Latina, constatando, por um lado, que “os territórios latino-americanos têm se configurado de forma fragmentada com uma forte tendência à concentração da riqueza e da renda, à seletividade espacial dos investimentos, à segregação urbana, aos conflitos pela terra em âmbitos rurais”, e, por outro lado, que a diversidade latino-americana “abriga muitas racionalidades”, o que talvez expresse “o segredo de sua força”. No texto seguinte da seção, Sylvio Bandeira de Mello e Silva, Barbara-Christine Nentwig Silva e Maina Pirajá Silva buscam “relacionar a distribuição das organizações sociais no Brasil, com indicadores socioeconômicos na escala das Grandes Regiões e Unidades da Federação, com prioridade para 12 Regiões Metropolitanas/RIDE selecionadas e suas metrópoles”, confirmando, na análise apresentada, a hipótese inicial de uma correspondência significativa, “mesmo com variações escalares, entre padrões mais expressivos de organização social com indicadores sociais e econômicos mais relevantes”. No terceiro artigo da seção, Ana Márcia Moreira Alvim, João Benvindo do Amaral e Guilherme Luiz Lopes Ferreira assumem a escala regional (estado do Tocantins) para analisar os movimentos migratórios intermunicipais ocorridos no Tocantins nos períodos 1986-1991, 1995-2000 e 2005-2010, concluindo que a distribuição da população no território do estado tem sofrido mudanças com tendência à “diminuição das diferenças regionais, tendo sido a escolha

da posição geográfica da capital um fator decisivo”, mas alertando para o risco de “a urbanização concentrada tornar-se um problema para essa unidade da federação, assim como ocorrido em outros estados brasileiros”. Já Antônio Ângelo Martins da Fonseca e Shaeene Rodrigues Coelho Barbosa partem das escalas regional (estado da Bahia) e local (municipal) para problematizar o conceito de justiça espacial baseados na explicitação da distribuição das comarcas dos novos municípios do estado, criados a partir da década de 1980; com sua pesquisa, os autores vão concluir que “a funcionalidade espacial representada pela tradicional e contemporânea forma de rede urbana pode ratificar e reproduzir as formas de injustiça espacial, como é o caso da rede urbana do estado da Bahia”, mas que, ao mesmo tempo, “a justaposição e a sobreposição espacial, representadas pelas comarcas e varas”, abrem “a possibilidade para a justiça espacial”. No quinto artigo da seção, a escala estadual serve também de recorte para que Nelson Fernandes Felipe Junior analise “as principais estratégias competitivas e a participação do capital privado a partir da década de 1990”, assim como “os principais gargalos que prejudicam o setor portuário de Sergipe, gerando impactos negativos na economia, na sociedade, na geração de empregos e renda, nas interações espaciais e no desenvolvimento regional”. No artigo seguinte, Leandro Vieira Cavalcante procura enfatizar “o debate acerca da dimensão espacial da produção agrícola, com foco na análise do contexto produtivo do coco no Ceará”, atentando para a espacialização do cultivo desse fruto e a caracterização dos principais locais de produção”, a fim de “evidenciar o modo como o espaço vem sendo produzido a partir da materialização dessa atividade”. No sétimo artigo da seção, de Dalvani Fernandes, a escala local (intraurbana) é acionada para explicitar a relação entre hip hop e religião em Curitiba-PR, com uma abordagem geográfica e fenomenológica do tema; o autor conclui, a partir de seus resultados de pesquisa, que a percepção espacial dos jovens *rappers* “está mais pautada no simbólico do que em uma base material”. Ou seja, quando estes jovens “falam de cidade, periferia, rua e Igreja não são apenas espaços físicos a que se referem, são, sobretudo, construções da imaginação, experiência e emoções”. Finalmente, voltamos à escala continental, no artigo que encerra a seção, no qual Antônio Carlos Vitte e Kalina Salaib Springer vão problematizar o conceito romântico de humanidade e sua influência nas

críticas de Alexander von Humboldt à colonização espanhola na América, partindo de ampla e profunda revisão bibliográfica, para concluir que, “nesse contexto, é perceptível o respeito de Humboldt pela liberdade, pela diversidade e pela mudança, de modo que foi um dos primeiros europeus a respeitar as culturas da América Latina”.

Na seção Memória, o artigo de Pedro de Almeida Vasconcelos presta homenagem ao professor Sylvio Bandeira de Mello e Silva, falecido em março de 2017, resgatando sua trajetória acadêmica e destacando os aspectos mais importantes de sua vida dedicada à Geografia. O professor Sylvio, entusiasta de primeira hora do projeto da revista GeoTextos e membro de sua Comissão Editorial, deixa em todos que o conheceram e com ele conviveram saudades por seu bom humor e por seu empenho para a consolidação do campo geográfico na Bahia e no Brasil. GeoTextos publica também, neste número, artigo inédito de sua autoria, resultado de suas pesquisas em parceria com Barbara-Christne Nentwig Silva e Maina Pirajá Silva.

Boa leitura!

Angelo Serpa
Editor Responsável